

# FENOMENOLOGIA DA MEMÓRIA: UM CAMPO DE INVESTIGAÇÃO LITERÁRIA

Junior César Ferreira de CASTRO (PG-FL/UFG)

juniorcesarcastro@hotmail.com

Jamesson Buarque de SOUZA (Orientador-FL/UFG)

## INTRODUÇÃO

Com base no estudo da formação do poema em estilo épico, segundo os preceitos teóricos de Luckács (2000, p. 44), o poeta estaria impossibilitado de produzir epopeias nos dias atuais, pois tanto o mundo quanto o indivíduo foram cindidos pela individualidade. A noção de individualidade surgiu em meio a um contexto que transcendência e imanência não são mais convergentes devido à cisão da totalidade da cultura fechada pelo nascimento da filosofia, da ciência e da religião. Nesse sentido, a presente pesquisa de mestrado procura questionar e refletir sobre os estudos da memória e sua contribuição teórica para a configuração do poema “O país dos Mourões” e *Invenção do Mar*, de Gerardo Mello Mourão como epopeias contemporâneas.

Nas epopeias homéricas, *Ilíada* e *Odisseia*, a verdade se constitui por meio de uma referencialidade, o passado. Homero busca tratá-lo não como acontecimento em si, mas visa entendê-lo a partir do presente no passado resgatado pela memória, tornando o épico a representação da exterioridade. Para compreendermos a poética mellomoureana, através dos problemas suscitados pela temática dos fenômenos mnemônicos, recorreremos, primeiramente, ao legado platônico da representação presente de uma coisa ausente e, também, ao aristotélico com o tratado, *Memória e reminiscência*, arguindo a ideia em que a memória é do passado.

Partindo da concepção de representação da imagem, Bergson (1990, p. 81) discute o posicionamento que a memória escolhe diversas imagens análogas e as lança na direção da percepção nova como lembrança pura. Dessa forma, percebemos que nem todo reconhecimento implica na intervenção de uma imagem antiga, porém ela deve estar como uma ação presente. Se a lembrança é a conservação do passado pelo espírito, então tanto o ambiente quanto os hábitos e as relações sociais contribuirão para sua preservação e, respectivamente, sua sobrevivência. Vemos ainda que, a maioria das lembranças-imagens que compõem

a poética do poeta cearense não está associada apenas a um momento de sensações e percepções aos reflexos dos objetos exteriores, mas misturados a outras imagens que estão ligadas as pessoas, as quais lhe rodearam. Para Halbwachs (2006, p. 43), a memória do indivíduo se relaciona com a memória do grupo e esta, por sua vez, forma a esfera maior da tradição fenomenológica, a memória coletiva.

Dessa maneira, procuramos levantar uma visão epistemológica da história com a fenomenologia da memória para alcançarmos à representação historiadora e da lembrança-imagem pela narrativa. Para isso, nos detemos na teoria de Ricoeur (2007, p. 146), a qual visa à materialização da memória pela escrita através da fase documental, da explicação/compressão e da reconstrução do passado pela escrita.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa está vinculada à poética da contemporaneidade e aos estudos da épica, principalmente, no que diz respeito à aporia temporal e aos fenômenos mnemônicos. A fenomenologia da memória, aqui proposta para o campo literário, se estrutura dentro do espírito teórico de Platão, Aristóteles, Husserl, Bergson, Halbwachs, Le Goff e Ricoeur. Como método de análise, iniciamos a reflexão com duas perguntas: De que há lembrança? e De quem é a memória?

As expressões “que” e “quem” nos remetem ao conceito platônico da *eikon*, bem como a distinção bergsoniana entre a passagem da lembrança pura para a lembrança-imagem. Na transmutação dos fenômenos mnemônicos para a reconstrução da lembrança-imagem por meio da rememoração (reminiscência), podemos identificar duas espécies de memória, a saber: a que revê e aquela que repete. A segunda questão apresentada em nosso trabalho se refere a “coisa lembrada” e sua relação com a memória e a imaginação.

O uso da fenomenologia da memória como abordagem teórico-metodológica, estético-filosófica e como categoria de análise e apreensão de sua intermediação com a história nos permite fazer uma leitura da representatividade da memória pela narrativa tanto no poema “O país dos Mourões” quanto em *Invenção do Mar*. O passado é apreendido como imagem-presente e a rememoração, seja ela como formação do seu povo (Mello e Mourões) ou do ambiente social (Ceará), são

evocadas pela memória coletiva, pois estão nos poemas épicos como dados-presentes e não como dados-ausentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória, a partir do senso comum, é vista como a soma das lembranças existentes em nosso consciente, porém não devemos entendê-la na literatura como registro de um tempo vivido. As primeiras reflexões sobre memória iniciaram com a filosofia ocidental. Os gregos adotaram as expressões *mnemé* e *anamnésis* como dois termos que explicaram o fenômeno da lembrança. O primeiro seria a memória na sua forma passiva, na qual a lembrança surge no espírito como afecção/percepção e, o segundo, é a própria recordação, mas esta não pode ser compreendida apenas como rememoração, pois a memória é a marca temporal da realidade e da verdade lembrada a partir de um valor referencial.

Nessa perspectiva, Platão faz referência ao tempo passado como um tempo implícito. Para o filósofo, se a memória for do passado, ela se torna uma condição do imaginar e não da representação presente de uma coisa ausente. Já Aristóteles, centra-se no tema da representação de uma coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida. Percebe-se então, que a impressão e o reconhecimento das imagens do passado no presente são feitos pelo espírito e, na medida em que a lembrança pura vai sendo construída, notamos a geração de outras imagens na mente humana. A consciência age sobre a percepção exterior como forma de escolha daquilo que o espírito seleciona para ser representado, enquanto a percepção de um ponto material pelo inconsciente atua instantaneamente na seleção dessas imagens e transmiti-las ao real.

De acordo com Bergson (1990, p. 4), a lembrança representa o ponto de intersecção entre o espírito e a matéria. Assim, a memória constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, isto é, o lado subjetivo de nosso conhecimento a respeito das coisas, pois o que é dado é a totalidade das imagens do mundo material junto com a totalidade de seus elementos interiores. Além do mais, a lembrança é a própria representação da intuição da alma e, com isso, a lembrança-imagem, memória propriamente dita, conserva-se como imagem única.

Com as leituras teóricas anteriores, bem como as de Ricoeur e Le Goff, observamos que o conhecimento histórico em relação aos fenômenos mnemônicos

assume certa autonomia, mas não deixa de manter um diálogo quanto à representância do passado por meio da escritura. Segundo Le Goff (2003, p. 422), “a memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. Assim, é na memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta e procura salvar o passado para servir o presente.

É dotado, nesse sentido, que podemos pensar na materialização do tempo e da memória na tessitura da intriga, porque o tempo não é anterior a história, mas simultâneo. Para Ricoeur (2007, p. 147), isso será possível quando o poeta estabelecer, pela memória arquivada, uma explicação à sucessão de eventos, pois são encarados como narrativa e não como registros históricos. Portanto, é no reconhecimento de si mesmo, nas lembranças-imagens construídas pela memória pura que o poeta busca a sobrevivência das imagens pelo espírito e as representa pela linguagem, a qual mantém uma ligação relativa com a manifestação historiadora da reconstrução verdadeira do passado.

## **CONCLUSÃO**

A defesa em que o tempo e a memória são elementos formadores do poema em estilo épico na contemporaneidade, essencialmente, para a poética de Gerardo Mello Mourão se destaca porque é na história com a eliminação do tempo físico que a temporalidade na narrativa vai se reinscrevendo. A memória tem como função representar o passado na medida em que o ser humano se projeta nele. O fator histórico terá o seu valor como verdade quando o passado for apreendido como movimento que se manifesta enquanto imagem presente.

Na visão ricoeuriana, a qual nos detém aqui, percebemos que a fenomenologia da memória ocorre a partir da experiência do reconhecimento do passado como imagem, seja em seu estado de latência ou de impressão/percepção. Para representar o passado pela memória na escrita, o poeta utiliza-se de fatos contados, datados em documentos ou que estão registrados na lembrança-imagem. No entanto, para desenvolver a noção de *sui generis*, ele deixa o presente e se projeta, passivamente, no passado para buscar na pluralidade dos acontecimentos históricos, uma sucessão de eventos que estão inseridos na lembrança pura e fazer destas imagens o reconhecimento por excelência.

É justamente nessa terceira fase, a representação historiadora ou forma literária da memória, que observamos a materialização dos fenômenos mnemônicos na narrativa por meio do conhecimento epistemológico da história. A busca por uma lembrança-imagem clara e referencial indica a afirmação do discurso objetivo da epopeia mellomourena, pois a representação da coisa lembrada anteriormente percebida e aprendida no presente está como verdade das coisas passadas.

Por fim, o reconhecimento e a sobrevivência das imagens pela memória e pelo espírito como componente para a construção do épico na contemporaneidade vai se estruturando na medida em que as lembranças-imagens são resgatadas pelo poeta graças à afecção. A partir daí, extraímos o pensamento de que imaginar não é lembrar, e que a lembrança quando se atualiza do passado ao presente tende-se a viver sob uma imagem.

**Palavras-chave:** Representação historiadora – Lembrança-imagem – Escrita.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. Livro XI. In: *Confissões*. Coleção Obra-prima de cada autor. Série Ouro. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 257-284.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 5ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. 5ª edição. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.
- GONÇALVES, Regina Célia Vaz Ribeiro. *Odisséias do perdão em La mémoire, L'histoire, L'oubli (2000) de Paul Ricoeur: Nem fácil, nem impossível*. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado de Minas Gerais. Campus da Fundação Educacional de Divinópolis. 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LUKÁCS, George. *Teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MOURÃO, Gerardo Mello. *Invenção do Mar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os peões*. Coleção cavalo azul. Rio Arte. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O percurso do reconhecimento*. 1ª edição. São Paulo: Loyola, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa. Tomo I*. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.
- SOUZA, Jamesson Buarque de. *A poesia épica de Gerardo Mello Mourão*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.